



Falemos de um país maravilhoso

Viriato Soromenho-Marques

O turismo ecorresponsável e a importância da sustentabilidade para a recuperação da economia (e da autoestima) nacional aos olhos do professor universitário galardoado com o Prémio Quercus 2011.

ENTREVISTA DE RICARDO SANTOS | FOTOGRAFIA STEVEN GOVERNO/GLOBAL IMAGENS

Viriato Soromenho-Marques (*viriatosoromenho-marques.com*) tem 54 anos, é professor catedrático de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi membro do Conselho de Imprensa (entre 1985 e 1987), presidente nacional da Quercus ANCN (entre 1992 e 1995) e exerceu as funções de vice-presidente da rede europeia do Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável (CNADS), entre 2001 e 2006. Além disso, foi coordenador científico do Programa Gulbenkian Ambiente (de 2007 a 2011) e recebeu do Estado português as distinções de grande-oficial da Ordem de Mérito Civil (1997) e grande-oficial da Ordem do Infante D. Henrique (2006). Autor de mais de quatro centenas de obras sobre temas filosóficos, ambientais e estratégicos, proferiu e/ou coordenou mais de mil conferências, seminários e cursos em 23 países. É o homem certo para falar de ambiente em Portugal.

O turismo sustentável pode ser uma das apostas para que o país saia da situação económica em que se encontra?

Será uma grande ajuda. Importa não esquecer que Portugal é a 27.ª economia turística do mundo e que, apesar da quebra de 2,2 por cento, em 2012, a atividade turística traduziu-se em cerca de nove mil milhões de euros, aproximadamente cinco por cento do PIB. O turismo dinamiza tanto o mercado interno como contribui para o aumento das exportações e para a criação de emprego de base regional e local, com diferentes graus de especialização de mão-de-obra. A sustentabilidade da indústria garante que os recursos em que se assenta (paisagens e património construído) não serão dilapidados. Pelo contrário, serão valorizados e enriquecidos.

O que nos falta, enquanto cidadãos e nação, para consolidarmos a posição de destino verde?

Um maior amor e um mais profundo conhecimento do nosso próprio território, em toda a sua imensa variedade. Uma política de turismo sustentável é uma aposta ganhadora em todas as frentes. Em primeiro lugar, valoriza o capital natural e o património construído das regiões. Desenvolve o autoconhecimento e o sentimento de pertença das pessoas aos seus lugares e patrimónios. Depois, é um turismo que seleciona os seus clientes entre as camadas mais elevadas, tanto intelectual como materialmente, dos países de onde são provenientes os fluxos turísticos. São clientes exigentes mas, por isso mesmo, capazes de pagar para manter e preservar o que é sólido e valioso. Em vez do turismo de massas tradicional, consumista e predatório dos centros balneares.

Pensa que o carimbo verde ou ecológico aplicado a infraestruturas turísticas tem sido aplicado de forma correta? Ou há uma banalização do termo?

Julgo que somos vítimas de algum excesso de certificações e também de alguma leveza na atribuição das designações. Como é sabido, existe uma pluralidade de metodologias de classificação que vão desde a ISO 14001, a nível mundial, até ao rótulo ecológico e à EMAS, a nível europeu, e temos certificações desenvolvidas nacionalmente, como a TÜV alemã. Esta pluralidade acaba por ser um fator de ruído tanto para os empresários como para os utentes. Pior do que isso é descobrirmos que algumas empresas se atribuem a si mesmas designações sem passarem por qualquer escrutínio. Mas, na minha apreciação, estamos no caminho de um rigor crescente. O que é um bom sinal no meio da situação crítica em que o país se encontra.

Portugal tem bom ambiente? O que falha na sua preservação?

Portugal é um país maravilhoso. A natureza, com a sucessão de idades glaciares, e a história das ocupações humanas do país diversificaram os ecossistemas de modo extraordinário. O que continua a falhar, em Portugal, é um ordenamento do território que valorize a nossa extraordinária variedade e riqueza, da biodiversidade às paisagens. Só no continente, o grande geógrafo Orlando Ribeiro identificou 23 sub-regiões com características

ambientais distintas. Temos dilapidado essa riqueza com mau urbanismo e uma péssima política de monocultura florestal. É um escândalo que o eucalipto seja hoje a espécie mais disseminada pelo país.

Pensa que a Arrábida tem hipóteses reais de ser considerada Património da Humanidade, sabendo que neste Parque Natural funciona uma cimenteira?

Não vai ser fácil. Os argumentos naturais e culturais são fortes. Esse galardão seria muito importante para políticas mais exigentes das autarquias e das autoridades nacionais no controlo de pedreiras e construção ilegal. O espírito do poeta Sebastião

da Gama, que se pressente quando o vento sopra com mais força no alto do Formosinho, rejubilaria com essa atribuição...

De toda a realidade nacional, quais os locais ou as regiões que considera fundamentais visitar? Quais os melhores exemplos de turismo de natureza?

A Madeira e os Açores estão no topo da minha lista. A laurisilva é a nossa rainha atlântica. As caminhadas nas levadas e nos trilhos são inesquecíveis. Tal como os banhos nas fajãs. No continente, destaco o Gerês, o Alvão, a faixa do Alto Alentejo e a Beira Interior, compreendendo o Parque de São Mamede e o Tejo Internacional. Em Trás-os-Montes, os carvalhais de Montesinho também se recomendam. Por último, uma área onde há muito por fazer: o «turismo azul». Temos um enorme potencial para áreas marinhas de conservação, uma costa magnífica para vela e desportos radicais sem motor e uma gloriosa história naval que está longe de se encontrar devidamente musealizada. □